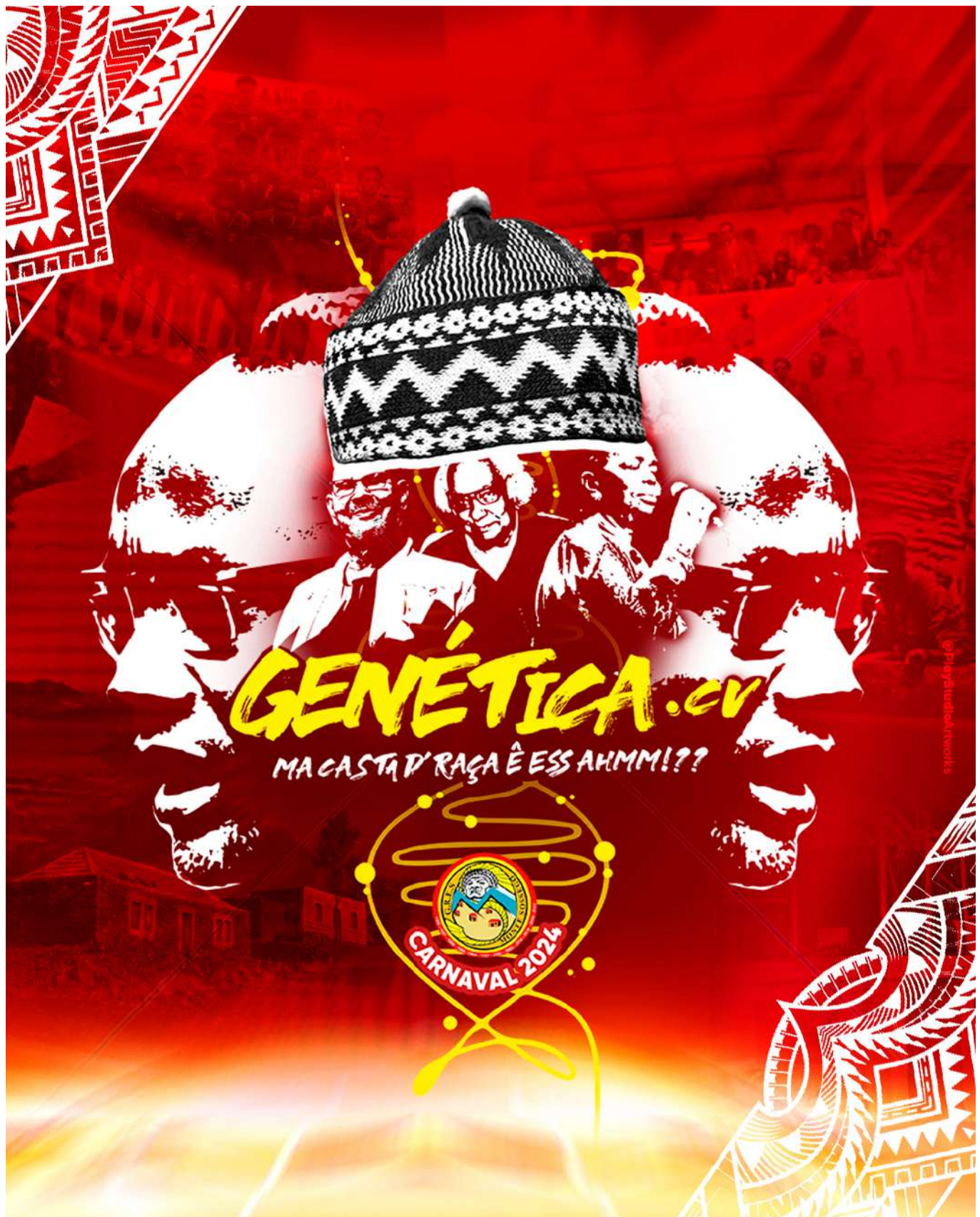


GRES MONTESOSSEGO



Presidente

António Augusto Sequeira Duarte



CARNAVALESCOS

JOÃO BRITO & VALDIR BRITO

GENÉTICA.CV - " MA CASTA D'RAÇA É ESSE AHM...?????"

Ficha técnica**Enredo**

Enredo GENÉTICA.CV
Autores do Enredo Valdir Bito, João Brito
Autores da sinopse Valdir Bito, João Brito
Enredistas Guilherme Oliveira e Valdir Brito
Autores do cronograma do desfile Valdir Bito, António Duarte e Guilherme Oliveira
Outras informações julgadas necessárias
<p>Comissão de Carnaval, constituída por: Valdir Bito, João Brito, Guilherme Oliveira</p> <p>Valdir Brito Formado em Gestão e Produção Cultural pelo MEIA, Carnavalesco, Cineasta. Artista Plástico, Cenógrafo, produtor audiovisual. Trabalhou como produtor pela Harmonia e empresa B Mobile. Formado em realização e repórter pela Tiver, produção e direcção artística para PBS.</p> <p>João Brito Artista Plástico, cenógrafo, Músico, Carnavalesco, curso de Cineasta pelo MEIA, produtor musical, e audiovisual, Director da Produtora, Pion Digital. Trabalhou como produtor Musical, audiovisual e director de arte pela Harmonia. Cenógrfo da TCV, como produtor e cenógrafo pela produtora PBS, em Cabo Verde, Portugal, França Holanda, Bélgica, Brasil e EUA. Exposições de pintura em salas nacionais, e em países como: Portugal (Montemor o velho), nos EUA NJ, Casa do Ribatejo. Curso de museologia pela Universidade Lusófona, linguagem cinematográfica, repórter de imagem TVI, realizador pela TV Brasil - João Pessoa</p> <p>Guilherme Oliveira Veterinário formado em 2009, Bolsista e professor de danças Africanas no centro de Arte e Cultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro de 2006 a 2009. Membro fundador da Associação do Estudantes Africanos da UFRRJ. Membro di Diretório Académico de Medicina Veterinária da UFRRJ, por dois anos. Trabalhou como voluntário no Barracão da estação Primeira de Mangueira no Carnaval 2007</p>

Apresentação



SINOPSE ENREDO 2024

A origem das coisas sempre foi uma preocupação central da humanidade, principalmente a nossa origem, o ser humano.

Esse senso crítico fez-nos entender que a humanidade é constituída por uma espécie biológica que evoluiu a partir de outras espécies não-humanas e que toda a informação genética que herdamos dos nossos antepassados está codificada nos nossos genes. Quantos braços vamos ter? Qual será a cor da nossa pele ou do nosso cabelo? Estas e todas as outras características que nos definem à nascença, dependem da descodificação da nossa informação genética e para que possamos entender a nossa natureza devemos conhecer nossa constituição biológica e de onde partimos, a história de nosso humilde início.

Esse conhecimento que revolucionou a ciência e o mundo, viria a nascer depois que o grande cientista da modernidade **Charles Darwin** desembarcou aqui, sim aqui em Cabo Verde, mais especificamente na Praia, por volta das 15 horas do dia 16 de janeiro de 1832, na Praia Negra através do seu famoso navio Beagle.

Foi a partir desse momento que DARWIN conectou o homem com a natureza e respondeu à mais radical de todas as questões (como nasceu a vida e como ela se transformou) e assim nasceria uma das maiores obras científicas da modernidade "*A Origem das Espécies*".

Esse pequeno torrão de terra, que despertou o Renomado teórico da evolução das espécies, sempre inspirou quem lhe tocou e amou como se lhe impregnasse nos genes toda essa mística em volta as ilhas, principalmente seus nativos.

Esse povo "cachupa rica" de genes dos mais aventureiros e corajosos que por aqui passaram, ancestrais descobridores, escravos, filhos de pescadores, reis, atlantes, curandeiros, piratas, artistas, revolucionários huffff quem sabe lá mais o que carregamos nos nossos cromossomas, toda essa ascencialidade sintetizada em cada ribossoma, talvez... agora também seria muito bom uma ajudinha do Mr. Darwin para descodificar esse povo, tarefa essa que sempre se mostrou desafiante, uma questão da identidade ainda sem resolver.

A controvérsia, que data da origem do arquipélago, ocupou todas as gerações de nossos intelectuais, inclusive nossos iluminados Claridosos. Tanto considerado como um caso de regionalismo europeu, tanto como um caso de regionalismo africano, e até mesmo como pertencendo a um sexto continente, Cabo Verde está sempre na procura da sua identidade, que voga à vontade dos sobressaltos e dos interesses políticos e ideológicos. Mas... tu, sim tu, como descodificarias esse Povo?

de certeza que em algum momento em que ficaste estupefacto por alguma proeza dum crioulo seja

GENÉTICA.CV - " MA CASTA D'RAÇA É ESSE AHM...????"

ela por uma boa ou ma conduta já abriste a boca e num impulso indagaste;

Ma casta d´raça ê esse ahm...????

A pergunta que não se quer calar!

Mas, o seu senso critico ficou por aqui ou procurou ir mais além?

Afinal do que somos feitos?

Quantas fibras e cromossomos fazem um cabo-verdiano?

“Reza uma lenda que Deus, depois de construir o mundo, cansado, colocou um pé na África Negra e outro na Europa, sacudiu as santas mãos e caíram dez bocados de barro. Sem se aperceber, criou as dez ilhas de Cabo Verde e, desta forma, marcou o destino do povo do arquipélago. Esquecidas pelo Senhor, o tempo sucedeu ao tempo e as ilhas foram achadas desertas pelos portugueses e habitadas. Povos africanos e europeus ali, em perfeita simbiose, se miscigenaram e da metamorfose resultou outro homem, o cabo-verdiano.”

Perante uma raça com tanta mística é preciso mergulhar no cerne da questão com abordagens mais inusitadas, somente cientistas não trariam uma fórmula a altura da nossa fantástica história. O nosso G.R.E.S MONTE SOSSEGO levantara o véu e chamará a este desafio todos os seus alquimistas, Griôs, historiadores, Magos, todo o seu conclave para a investigação dessa pequena fração peculiar de nossa herança genética que nos faz “ser” e apresentar os elementos que nos faz transcender.

Desvendar a combinação da nossa ancestralidade, a genética forte, dos nossos pais, do lugar que nascemos, da nossa cultura, das nossas crenças impostas, o meio que vivemos e as pessoas que escolhemos para fazer parte de nós;

Passaremos em análise todos os dados que entendemos ser a causa ou a influencia que corre nos nossos genes, desvendar onde esta nossa resiliência, força, senso critico, magica e perseverança, tentar entender que ADN fez esses filhos de reis escravos rebelados, Cabrais artistas revolucionários, Cesarias musas rainhas, escritores poetas soldados, a jornada e os resultados que os descendentes desses genes tem apresentado parece infundável mas sempre surpreendente, uma formula magica que nos faz distinguir e ser orgulhosos do que somos. CABOVERDIANOS DE FIBRA E RAÇA!!!

POR ISSO POR ONDE PASSAMOS DEIXAMOS A SEGUINTE QUESTÃO;

Ma casta d´raça ê esse ahm...????

Dia 13 de Feverer bó te convidod, aliash bô ta intimod!!! ... a estod presente ma nôs, G.R.E.S MONTE SOSSEGO ne Ruas de morada pe bem desvenda esse que é o ENREDO DO GRUPO CALNAVALESCO MONTE SOSSEGO PE 2024.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Das longínquas origens escravocratas, do povoamento original a partir incontáveis navios negreiros carregados de escravos que aportavam os nossos portos, aos nossos dias, eis que de um suspiro tímido ousamos imiscuir num mergulhar de sensações inusitadas e de insólita descoberta e redescoberta desta magnífica e magnânima RAÇA - A RAÇA CABOBVERDEANA.

A GENÉTICA.CV, surge de um contexto muito peculiar num ano de comemoração do centenário de Amílcar Cabral, um ser incontornável e uma referência história (actual e uma referência em vários centros de estudos e produção de conhecimento por esse mundo fora), pelas luta de libertação Nacional, bem como da resistência e da afirmação moral e intelectual de um povo oprimido.

A figura de Cabral torna-se determinante enquanto personagem central da luta de libertação e multiplica-se em núnaces varias ao longo do nosso desfile.

Neste contexto, arriscamos a transcrever parte de uma dissertação proferida pelo enigmático e diplomata Silvino da Luz, a 20 de Janeiro de 2024, na Câmara Municipal de S. Vicente ...

““O meio social, político, sindical, cultural, literário e académico do Mindelo dos 30 e 40 de então foi muito importante para o seu amadurecimento como homem político, revolucionário, bem como para o transformar na personagem que se tornou para a sua história”, justificou o antigo colega, para quem São Vicente foi “importante, determinante” para Cabral.

Parafraseando Filinto Silva, Silvino da Luz afiançou que Amílcar nasceu em Bafatá (Guiné-Bissau), passou a sua infância e fez os estudos primários em Achada Falcão (Cidade da Praia), mas, Cabral “essa dimensão de homem consciente de si e capaz de pensar no mundo em multi-evidência”, nasceu em São Vicente, onde adolescente se fez jovem.

Acredita que a figura revolucionária, “aflorou-se” do cosmopolitismo do Porto Grande.

Fazendo uma retrospectiva das iniciativas escolares de Amílcar Cabral, no Mindelo, entre estes de ter criado a associação desportiva do Liceu Gil Eanes, presidente da Associação dos Estudantes, ilha onde escreveu os primeiros cadernos de poesia, aderiu à Academia Cultivar, entre outras, faz aperceber-se o quão integrado estava Cabral no espírito da época, da juventude mindelense.

Por outro lado, acredita que Cabral ficou “muito impressionado” por ter sido, no Mindelo, as primeiras greves operárias de Cabo Verde, algo que deixou marcado nos seus escritos, hoje revisitados por diversos estudiosos do mundo inteiro.

“Ter essa consciência histórica ajudará a compreensão colectiva sobre o estatuto e papel de São Vicente no contexto nacional e internacional, assim como permitirá dilatar o quanto moldou a figura de Cabral e de muitos nacionalistas modernos surgidos nesta ilha, que, a miúdo, aglutinava a maior parte das forças vivas da sociedade cabo-verdiana de então”, sustentou.

Sendo, assim, deixa o apelo para os autarcas do País ajudarem na dinamização dos feitos de Cabral, que, mesmo com os atropelos à sua memória como “pai” da Nação cabo-verdiana, é a quem Cabo Verde deve os feitos de trilhar caminhos de desenvolvimento e de merecer destaque a nível internacional.

“Os ensinamentos de Cabral merecem ser retirados da espuma da memória e serem reavaliados à luz do século XXI”, exortou.

Amílcar Cabral nasceu a 12 de Setembro de 1924, em Bafatá, Guiné-Bissau, filho de Juvenal Cabral e Iva Pinhel Évora. Cabral foi poeta, agrónomo, e considerado “pai” da independência conjunta de Cabo Verde a 5 Julho de 1975 e Guiné-Bissau oficialmente a 10 Setembro de 1974.

A 20 de Janeiro de 1973, o fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) foi assassinado na Guiné-Conacri, a oito meses da declaração, de forma unilateral, da independência da Guiné-Bissau.

Este Enredo justifica-se por quanto existimos num momento delicado em que urge recentrar-se e multiplicar o diálogo académico, social, pedagógico, a partir das nossas origens e redescobrir aquilo que se pretende para o nosso horizonte enquanto nação.

PLANO DE DESFILE 2024


01 - COMISSÃO DE FRENTE Da Sumbia a uma Nação; uma Genética de resiliência e revolucionários
CASAL MS & PB MISCIGENAÇÃO - Mística Ancestralidade
02 - GUARDIÕES DO CASAL MS & PB Encontro de civilizações distintas

SECTOR 1 - Origem
03 - BAIANAS - MAE AFRICA, etnias da nossa Ascendência
04 - Navios negreiro, nosso berço nossa tumba *MUSA 01 - Ancestralidade Africana - Mara Filipe
ALEGORIA 1 Porões da nossa História ASCENTRALIDADE e MISCIGENAÇÃO
05 - Mestiçagem Africana

SECTOR 2 - Identidade
06 - Pioneiros, flores de revolução Rainha Bateria - A chama da independência
07 - BATERIA - Cabralista de Raça, cada um di nos é um Cabral
CARRO SOM - INTERPRETES MUSA de Passistas - Christianne Quintino
08 - PASSISTAS-" Combatentes no silencio" as esposas e combatentes da clandestinidade que ousaram estar ao lado da luta de libertação
09 - Genética.cv - nossa genética nosso código as nossas semelhanças e similitudes, nossas parcerças *MUSA 02 - liberdade - Daylene Rocha
ALEGORIA 2 A construção de um novo homem a partir da luta de libertação



SECTOR 3- Especificidade/Afirmação
2º casal MS & PB - Música Nos Património
10 - Mar nos Riqueza
11 - Morabeza
12 - Turismo
13 -Diáspora 11ª Ilha- SODADE *MUSA 03 - Eliane Pereira
ALEGORIA 3 A Construção de uma Nação

**Ficha técnica
Elementos Cenográficos**




Criadores dos elementos cenográficos Valdir Bito, João Brito		
Nº	Nome da Alegoria	O que representa
TRIPÉ DE COMISSÃO DE FRENTE	A SUMBIA DE CABRAL	<p>O nosso Tripe e Comissão de Frente abre o desfile de forma sublime, carregando simbolicamente este ícone da luta de libertação e de afirmação de um povo.</p> <p>A sumbia que Amilcar Cabral recebeu em forma de pagamento/agradecimento/reconhecimento de um humilde agricultor nas Terras de Guiné Bissau – por este ter libertado as suas terras das mãos do opressor.</p> <p>A resenha do desfile num elemento que até os dias de hoje simboliza a tenacidade e a resistência de um povo</p>
	 <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer algumas alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	

**Ficha técnica
Alegorias**




Criadores das Alegorias Valdir Bito, João Brito		
Nº	Nome da Alegoria	O que representa
01	Porões da nossa história – Ancestralidade e miscigenação	<p>O nosso carro Abre Alas, faz referência aos navios negreiros que outrora aportaram as nossas costas por cá carregados de escravos que originaram a nossa raça carregada de miscigenação, este passado sombrio porque acentava numa sociedade e economia escravocrata é traduzida através desse barco em costelas, quebrado, devastado espelhando a dor e o sofrimento que os nossos antepassados africanos passaram. Este navio tumba era a primeira ligação entre nossos ancestrais europeus e africanos. A nossa ancestralidade vibrante e carregada de simbolismo. Identidade escravocrata presente em momentos vibrantes e imponentes – as mãos do oprimido encarando o opressor branco, agarrando-o pelo pulso e dizendo basta de chicotear as nossas gentes... estamos nas nossas origens e afirmando através da nossa ancestralidade – poder negro. Fardos de algodão simbolizando a base económica desse tempo..</p>
	 <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer algumas alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	




<p style="text-align: center; vertical-align: middle;">02</p>	<p>A construção de um Novo Homem a partir da luta de libertação</p>  <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer algumas alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	<p>A segunda alegoria Representa a construção do homem caboverdiano já que como escravo ainda não o eramos, foi preciso libertar nossas consciências e acreditar que poderíamos ser livres e independente o que de mais importante se conseguiu através da luta armada no meio da mata para a libertação desta pátria amada e idolatrada por todos. Da luta de Cabral e o coletivo dos Combatentes da liberdade, surge novas ideologias e um renascer de um País em construção moral, social e ético. Por isso essa alegoria é espelha uma construção desse caboverdiano representado por dois entidades gigantes da nossa historia (Renato Cardoso e Cabral) em meio a um ambiente estaleiro com guias onde se ve que estão colocando o cerebro e o restante ainda em tubos ligando e dando forma aos corpos, a frente o nosso gene esse DNA distinto e místico que nos caracteriza.</p>
<p style="text-align: center; vertical-align: middle;">03</p>	<p>A Construção de uma Nação</p>  <p>OBSERVAÇÃO</p> <p>Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer algumas alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia</p>	<p>A terceira alegoria, representa o momento e um Espírito um povo trabalhador e cheio de energia para reconstruir uma Nação, vibrante, batalhador mas acima de tudo sonhador.</p> <p>A criação da identidade e dos símbolos do País ousado, moderno e visionário, a partir de múltiplas ajudas externas (doações), nomeadamente alimentar, que muito significou durante largos anos - aqui simbolizados pelo trabalhador e pelos sacos de arroz, milho, café e açúcar...</p>




**Ficha técnica
Fantasias**




Criadores das Fantasias Valdir Bito, João Brito					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DAS ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável Ala	
01	1º Casal de Mestre Sala e Porta bandeira	 	<p>Miscigenação, mística e ancestralidade - Das nossa origens ancestrais a lutas com o colono Português, visíveis a partir de elementos plásticos de culturas negras africanas e do simbolismo dos famosos azulejos</p>	<p>Nosso pavilhão nas mãos certas - 1º casal</p> <p>Casal MS &PB Fabricio Cardoso E KATIA FERREIRA</p>	<p>Direcção Carnaval</p>
02	Gardiões do Casal Mestre sala e porta bandeira		<p>Encontro de civilizações distintas A armada colonizadora Europeia que guardam solenemente e de forma discreta o bailado do casal, simbolizando a mistura de raças, línguas, cultura, folclore e ancestralidade</p>	<p>Guardiões do casal ms e pb</p>	<p>Direção de Carnaval</p>




Criadores das Fantasias
Valdir Bito, João Brito




DADOS SOBRE AS FANTASIAS DAS ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável Ala
03	<p>Baianas - Mãe Africa, etnias da nossa ascendência</p> 	<p>Baianas Africanas Mãe Africa etnias da nossa ascendência – carregando todo o misticismo e a originalidade de um povo carregado de historia.</p>	<p>Baianas mão Africa</p>	<p>Alice Dias e Cristina Almeida</p>
04	<p>Navios negreiros, nosso berço nossa tumba</p>  	<p>Dos navios negreiros que outrora aportaram por aqui surge a origem da raça Caboverdiana – dos porões sombrios e frigidos, das chibatadas e dos sacrifícios impostos pelo opressor</p>	<p>Navios negreiros, nosso berço nossa tumba</p>	<p>Patricia</p>



<p>musa</p>	<p>Ancestralidade Africana</p> 	<p>Musa da ancestralidade vibrante que dança canta encanta com seu rebolar simbolizando as nossas origens de forma plástica e inusitada</p>	<p>Ancestralidade Africana</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
<p>05</p>	<p>Mestiçagem Africana</p> 	<p>A verdadeira mestiçagem Africana personificada numa ala coreografada vibrante e cheia de cor folia e garra do nosso povo</p>	<p>ALA COREOGRAFADA</p>	<p>Isa Yohana Debora</p>
<p>06</p>	<p>Pioneiros – Flores de revolução</p> 	<p>As nossas Flores de revolução, nosso pioneiros Abel Djassy, revolucionando e crinado um iamginário de futuro próspero e saudável</p>	<p>Esperança das nossas crias, que em muitos casos desdfila pela primeira vez, originários do viveiro da escola – Monte Sossego Mirim</p>	<p>Samila Ailina</p>

				
Rainha da bateria	<p>Rainha da Bateria - A Chama da Independência</p> 	<p>A Chama que alimentou a luta pela independência, personificados pela nossa Rainha furação Wendy Freitas, que aquece alma dos nossos ritmistas</p>	Rainha da Chama da bateria	Direcao de carnaval
07	<p>Bateria - Cabralista</p> 	<p>Cabralista de Raça – combatentes – cada um di nós e um Cabral – A Batucada dos Índios naom poderia estar fantasiado de forma mais distinta e eloquente, ritmando a nossa luta pela libertação e criando as bases para que a chama da Rainha da Bateria seja sempre muito intensa</p>	BATERIA	<p>DIRECÇÃO DE CARNAVAL</p> <p>DIREÇÃO DE BATERIA</p>

musa	<p>MUSA DE PASSISTAS</p> 	<p>MUSA DO SILÊNCIO – ousada e pretensiosa, nas comedia e avassaladora, no comando das clandestinas guerrilheiras</p>	MUSA	DIRECÇÃO DE CARNAVAL
08	<p>PASSISTAS</p> 	<p>PASSISTAS – Combatentes na clandestinidade. As esposas e combatentes da clandestinidade que ousaram estar ao lado da luta de libertação</p>	PASSISTAS	DIRECÇÃO DE CARNAVAL
09	<p>GENETICA.CV</p> 	<p>A sensualidade pura da genética das nossa crioulas, no território nacional como das nossas gerações da nossa imensa diáspora, aqui representadas pela 11ª ilha. Genética.cv</p>	ALA	LÍGIA



<p>musa</p>	<p>Musa da Liberdade</p> 	<p>Ela que liberta a nação e liberta tudo e todos com malicia e gingado da verdadeira crioula – impiedosa, ela castiga, mas mantém acesa a chama da liberdade</p>	<p>MUSA</p>	<p>DIREÇÃO DE CARNAVAL</p>
<p>2º casal</p>	<p>2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira</p> 	<p>Musica Nós património-afirmação, nossa resitencia, nossa cultura e arma de luta permanente... a boemia cabo-verdiana entrando de forma inequívoca caracterizando de forma indelével o nosso percurso a nossa genética</p>	<p>Nosso pavilhão nas mãos certas – 2º casal 2 casal – Diego Armando e Alana Ferreira</p>	<p>DIREÇÃO DE CARNAVAL</p>
<p>10</p>	<p>Mar nôs Riqueza</p> 	<p>A força dos nossos mares e fonte de energia que contagiam e determina o nosso dna. Ligação natural que acontece em ilhas vulcânicas. Das ondas aos arrastes das redes de pesca – uma Ala definitivamente made in CV. Definição pura da genética.cv</p>	<p>Ala de comunidade</p>	<p>Aldina</p>




<p>11</p>	<p>Morabeza</p> 	<p>Receber bem e acarinhar aqueles que nos visitam, apanágio de poucos territórios, mas que por ca acontece de forma sublime e cirúrgico, cores marcantes e de impacto forte.</p>	<p>ALA DE COMUNIDADE</p>	<p>Sissi</p>
<p>12</p>	<p>Turismo – um regalo de destino</p> 	<p>O futuro do Pais visionada a partir de uma incursão pelo turismo das nossas ilhas - ala de coreografia e harmonia invejáveis</p>	<p>Ala coreografada de comunidade</p>	<p>Lenira</p>
<p>13</p>	<p>Diáspora – 11ª Ilha – Sodade</p> 	<p>Nossa diaspora sintonizada na genética.cv, cheia de sodade mas ritmano plena de ousadia das nossa gentes</p>	<p>DIÁSPORA</p>	<p>Odair Pereira</p>


				
<p>musa</p>	<p>Musa Patriota</p> 	<p>Patriota a nossa musa da comunidade vem vibrante em cores aguerridas de laranja simbolizando a afirmação patriótica na Nação enquanto estado independente e cosmopolita</p>	<p>Musa</p>	<p>DIREÇÃO DE CARNAVAL</p>

OBSERVAÇÃO

Todos os desenhos são originais, pelo que poderão ocorrer alguma alterações em função do processo de execução e das limitações próprias da oferta de material, mas que não coloquem de forma nenhuma em causa o conceito de cada elemento cenográfico, alegoria ou fantasia

Criadores das Fantasias Valdir Bito, João Brito				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALEGORIAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome Alegoria	Responsável
*	REI - ABRE ALAS - Alain Silva Rei Navegador	 <p>O Poderoso Rei africano, representativa de da nossa ancestralidade africana, embora a historia teima em chamar-nos filhos de escravos nos sabemos que isso foi apenas uma condição que nos forcaram a estar, somos filhos de um povo que antes da chegada europeia era livre, organizada e estruturada, filhos de reis e rainhas é o que somos e o nosso rei esta aqui para representar toda a nobreza de nossos ancestrais africanos</p>	Porções da nossa história - Ancestralidade e miscigenação	Direção de Carnaval - Zezinha
	RAINHA ABRE ALAS - Perly Ramos Rainha dos Mares	 <p>Rainha mMarinheira, navios desbravadores, embarcações de nossos descobridores e ancestrais africanos, este é o reinado e legado de nossos marinheiros aventureiros, corações bravos e espíritos indomáveis. Sem esses navios nossa estoria seria diferente por isso nossa homenagem a essa rainha.</p>	Porções da nossa história - Ancestralidade e miscigenação	Direção de Carnaval - Zezinha e Sonia

*	<p>DAMAS ALEGORIA 01</p> 	<p>Diversidade do povo misteriosos, da comercio de algodão acorrentados em amarras ferro fundido</p>	<p>Porões da nossa história – Ancestralidade e miscigenação</p>	<p>Direção de Carnaval - Sonia</p>
*	<p>RAINHA - -ALEGORIA 2 Neusa de Matos Rainha das Rosas</p> 	<p>Genetica Rainha crioula, esse é o gene que geminou a nossa consciencia revolucionaria, que criou as flores da nossa reolução, o broto que nos iluminou e despertou-nos na luta para sermos um povo, o dna da nossa mistica, a magestade do nosso ser. Esmera-se e se supera pela exuberância das suas curvas. Determinada se multiplica pelo nosso DNA</p>	<p>A construção de um Novo Homem a partir da luta de libertação</p>	<p>Direcção de Carnaval – Ana Ferreira – Sandra Semedo</p>
*	<p>DAMAS DE ALEGORIA 2</p> 	<p>Das matas da Guiné, para as ruas do Mindelo, no sambódromo – elas esbanjam sensualidade e exotismo, típico de nativas de matas virgens – nossas origens</p>	<p>A construção de um Novo Homem a partir da luta de libertação</p>	<p>Direcção de Carnaval – ISA MATOS</p>

*	<p style="text-align: center;">DAMAS DE ALEGORIA 03</p> <hr style="width: 100%;"/> <div style="text-align: center;">  </div>	<p>O brilho do patriotismo em prol da construção da Nação Caboverdeana – a reengenharia de um estado em construção</p>	<p>A Construção de uma Nação</p>	<p>Direção de Carnaval / Zezinha</p>
---	---	--	----------------------------------	--------------------------------------

ORGANIGRAMA DA DIREÇÃO

Presidente de Honra
Daniel Oliveira - Nhela

Vice Presidentes:

Adriano Delgado Lima - Adriano
Guilherme Oliveira - Regy
Isa Gomes de Matos - Isa
António Delgado Lima – Toy de Caravela

Secretaria
Cândida Rosa Santos Vogais:
Sónia Fonseca Jansénio Delgado Tesoureiro
Adriano Delgado Lima

Director de Carnaval e Harmonia: Guilherme Reginaldo Oliveira
Comissão de Harmonia: Bruno Faial, Valder Santos, Emeline Mota, Eryck Lopes

Mestre de Bateria Edir Brito

Diretores de Bateria
Nelson Fortes – Director de tamborim
Christy Quintino (coordenação geral)
Bruno – coordenação geral e surdos
Paulo José e Luis Graça- logística e manutenção de instrumentos
Tiago Gomes – Surdos
Doriva Santos – Caixa e repinick
Nelson Martins – Xocalho e Agogo



GENÉTICA . CV

QUEM NÔ Ê? QUEM NÔ Ê? NÔS Ê CRIOL !?
 MA CASTA DE RAÇA Ê ESSE AÑ?
 NÔ CA SALTÁ D'ARCA D'NOÊ! 2x
 NEM CADAMOSTE CA TRAZÊ NÔS! AN TOM QUAL Ê?

MINDEL NÔ BEM DESVENDÁ ESS ENIGMA
 SES BEM NÔ BEM DESFILÁ N'ESSE EPOPEIA
 D'ESS POVO BULDÓNHE, TXOLDENTE E PARODIENTE 2x
 CORAÇON DOCE, ESPIRT MALICIOSO, CORP VIGOROSO
 TUD SES MISTER, SES GLORIA E FANTASIA
 ESPAIÓDE P'ESS MUNDO C'SES BRILHO E SES ENCANT

ADAMASTOR CA BRINCÁ QUE NÔS
 NENHUM VENT MAU CA TRAVÁ NÔS
 N'ESS ENCRUZILHADA D'RAÇA E MAR D'ATLANTICO 2x
 NÔS Ê CONTENTE, VALENTE, SOBREVIVENTE

SONCENTE NHA LOVE BEM DAME QUEL VIBE
 BEM MA TERRA D'INDIO SABÊ QUAL Ê
 NÔ SENHOR JESUS CRISTO BOSSE DA NÔS QUEL LUZ 2x
 PA NÔ PODE BRILHÁ MAS UM VEZ N'ESS ASFALTE

SERÁ QUE NO TEM GENES DE NOBREZA?
 EM CASTAS DE ÉBANO CARVALHO E TECA?
 FRUTO D'UM INCESTO D'GAIA MA NEPTUNO? 2x
 FORJÓD CRAVÓD NA ROTCHA E MAR?
 Ô UM MISTURA DE RAÇA C'VIRA LATA?
 BEM MA MONTSU NÔ BEM DESCUBRI QUAL Ê

QUAL É? QUAL É? NHA POVO BZOT DZEME QUAL É?
 CONDÊ, PORQUÊ, MODÊ?...NÔ CRÊ SABÊ QUAL É?
 NA TERRA D'INDIO BÊBÊ? CA TEM TÊTÊ! 3x
 NÔS NOME Ê CARNAVAL, NÔ CA TEM NHÊ, NHÊ, NHÊ!

GRESMS/ Carnaval Mindelo 2024/ Constantino Cardoso

GENÉTICA.CV

MA CASTA D'RAÇA Ê ESSE AHM...????

JUSTIFICATIVA popular:
Da dissertação do genial Airton Ramos

GENETICA. CV

Para o *Carnaval-Party-Desfile-Soncent* 2024, o Grupo Carnavalesco de Monte Sossego (GRESMS) propôs-se a trabalhar a(s) nossa(s) identidade(s) e, se não responder, ao menos provocar e lançar a interrogativa retórica (que nunca quis calar em NÓS): «*MA CASTA DE RAÇA E ESSE AN?*» E outras subsequentes se podem colocar (minhas e de muitos caboverdianos): «*Quem nós é - verdadeiramente [como KRIOL/KRIOL(u)]? Qual kê nós papel nesse mundo? Qual kê future pa nós?*»

Com a parceria-união ("em equipa que ganha, não se mexe!") com o compositor Constantino Cardoso, temos o enredo e a canção-tema "GENETICA.CV". "Bora dar um mergulho" e desvendar um pouco deste "ambicioso-desafio@terradeindio.cv"?

QUEM NÔ É? QUEM NÔ É? NÔS É CRIOL!?

MA CASTA DE RAÇA E ESSE AN?

NÔ CA SALTÁ D'ARCA D'NOÊ!

NEM CADAMOSTE CA TRAZÊ NÔS! AN TOM QUAL É?

Na primeira estrofe, temos uma série de questões retóricas (para reflexão; será que as perguntas-instigantes se posicionam como uma Constantino Cardoso's marca?): «*Quem somos nós? Será que somos crioulos? Que raça será esta?*» E o mesmo autor, trata de frisar que não "saltamos" da Arca de Noé (alusão bíblica – ao Dilúvio e à estratégia usada por Deus para a "restauração" da Humanidade!) e nem fomos trazidos pelo navegador veneziano e explorador Cadamosto (*persona* umbilical e "simbolicamente" ligada às nossas origens!). Usando uma interrogação (popular ou popularucha? – digam da vossa visão – celebrizada no "já bo sabê qual é de guys!"), Cardoso enfatiza: «*Então, qual é?*» (poderá ser também um enunciado brasileiro- -novelês-gingado trazido até nós?).

MINDEL NÔ BEM DESVENDÁ ESS ENIGMA

SES BEM NÔ BEM DESFILÁ N'ESSE EPOPEIA

D'ESS POVO BULDÓNHE, TXOLDENTE E PARODIENTE

CORAÇON DOCE, ESPIRT MALICIOSO, CORP VIGOROSO

TUD SES MISTER, SES GLORIA E FANTASIA

ESPAÍODE P'ESS MUNDO C'SES BRILHO E SES ENCANT

Na segunda estrofe, Mindelo, em particular, recebe um convite: o de, junto com o GRESMS, (v)ir desvendar este enigma-inquietante (charada/*puzzle*...) e ainda poder desfilar nessa epopeia ("poema narrativo heroico..."), que não acompanha nem a jornada de Ulisses ("*Odisseia*"), nem se centra na Guerra de Troia ("*Ilíada*") nem retrata os feitos do herói coletivo - o povo lusitano ("*Os Lusíadas*")! A NOSSA epopeia ("Made in CV") é de exaltação de um "povo especial" – que na visão do compositor - é cheio de predicados! E ele enumera-os: é "buldonhe" (um faz-tudo / "cheio de engenhos e manhas"); "txoldente" e "parodiente" (vibrante, que gosta de festas/com *vibe* e *feeling* para se divertir/que se atira a uma boa "txolda"! "Why not?" – "no te podê ke nós koza!"); que tem um "coração doce" (meigo, acolhedor, inocente, prenhe de *morabeza*), "espírito malicioso (que se manifesta no(s) humor(es), na(s) maneira(s) de estar e ser, em "linguagens" e "abordagens" – tão bem espelhadas, por exemplo, nas obras de Germano Almeida!); de "corpo vigoroso" (cheio de energia, brio, "de bom cabedal!"); que traz (consigo) "MISTÉRIO, GLÓRIA e FANTASIA" (e *GLAMOUR* – acrescento meu); um povo espalhado "por este mundo afora" com o seu BRILHO (GOLDEN GLOW) e ENCANTOS! O que me faz lembrar, entre outras, das canções "Um crioulo na França" de Morgadinho (o orgulho e a afirmação da Crioulidade!), "Cabo Verde la fora" de Kiddy Bonz e, mais recentemente, "Nha Terra" de Soraia Ramos: «*Odja undi nu anda, odja undi nu anda / Caboverdiano spadjado na mundo pa tudo banda / Odja undi nu anda, odja undi anda (...)*» Será que, enquanto *berdianos*, temos a real noção dos CHÃOS e PEGADAS, que deixámos e continuamos a deixar, ao redor do MUNDO?

ADAMASTOR CA BRINCÁ QUE NÔS

NENHUM VENT MAU CA TRAVÁ NÔS

N'ESS ENCRUZILHADA D'RAÇA E MAR D'ATLANTICO

NOS É CONTENTE, VALENTE, SOBREVIVENTE

Na estrofe seguinte, a saga continua: Cardoso refere que o mítico gigante Adamastor não brincou (não brinca?) conosco! (Claro que não! "Nôs é COLOSSO! Nôs é VALENTE! Nôs capacidade de ser GRANDE! NADA K TE PARÁ NÔS! Nôs é STRONG!") Ele dá ênfase: "nenhum vento mau nos pode travar – o Cabo das Tormentas"!), "na encruzilhada da nossa raça e deste MAR-OCEANO do Atlântico" (mar – união, ganha-pão, riqueza, evasão, morte, "sodade" (...)!). E, ainda assim, somos um povo "contente, valente, sobrevivente"! (Relembrando: «O mar transmitiu-nos a sua perseverança (...) / Aprendemos com o vento a bailar na desgraça (...) / As cabras ensinaram-nos a comer pedra (...)» – Ovídio Martins in "Flagelados do Vento Leste")!

**SONCENTE NHA LOVE BEM DAME QUEL VIBE
BEM MA TERRA D'INDIO SABÊ QUAL É
NÔ SENHOR JESUS CRISTO BOSSE DA NÔS QUEL LUZ
PA NÔ PODE BRILHÁ MAS UM VEZ N'ESS ASFALTE**

A ilha-mãe (ninho-carinhosamente tratada por "NHA LOVE") mais do que convidada – amada, acalentada e homenageada pela sua MAGNA IMPORTÂNCIA – por Constantino e pelo grupo (a dar ao GRESMS) aquela *vibe* (*power*, até "tremê k txon" – *da Soncent-berdianidade!*) e (v)ir com "a Terra de Índio" (*codinome* de *Montsu-zona-grupo-carnavalesco* – a terra batida, a escassez de casas antigamente, a bravura...?) para saber "qual é?" (abrilhantar a festa! ou indagar também – em uníssono: «CASTA DE RAÇA E ESSE AN?» – ou ambas as situações!) Ainda, o compositor apela ao Senhor JESUS CRISTO que lhes dê aquela (boa) LUZ e que o GRUPO (o herói coletivo – epopeia) possa brilhar (*incadescendentemente*) – mais uma vez – no asfalto!

SERÁ QUE NO TEM GENES DE NOBREZA?
EM CASTAS DE ÉBANO CARVALHO E TECA?
FRUTO D'UM INCESTO D'GAIA MA NEPTUNO?
FORJÓD CRAVÓD NA ROTCHA E MAR?
Ô UM MISTURA DE RAÇA C'VIRA LATA?
BEM MA MONTSU NÔ BEM DESCUBRI QUAL É

E as indagações e as referências-intertextualidades – quão saga – continuam: "Será que temos genes de NOBREZA (realeza, "sangue azul"?); (será que fomos forjados) em CASTAS ("sistemas tradicionais, hereditários ou sociais de estratificação") de ÉBANO ("árvore / cor negra / cuja cor se assemelha ao ébano") e de TECA ("árvore; madeira dessa árvore, considerada excelente para construções navais e marcenaria – ex.: mesa em teca"); será que somos fruto do INCESTO ["relação sexual membros de uma família ou entre parentes que possuem uma relação de consanguinidade (relações de sangue)] de GAIA ("a deusa da terra; a Mãe-Terra; segunda divindade primordial da mitologia grega") e NEPTUNO ("deus romano do mar; originalmente, o deus das fontes e das correntes de água, dos terremotos e criador dos cavalos")? A repetição do autor (em tom explicativo): "será que fomos forjados e cravados na(s) ROCHA(S) e no MAR? Será que somos uma mistura de RAÇA ("boa origem; espécie considerada") e VIRA-LATA ("sem raça definida")? (será uma alusão à miscigenação / aos contingentes que tiveram na base do nosso povo / da nossa RAÇA – AFRICANOS e EUROPEUS (ou vice-versa)? E quais os de "raça" e quais os "vira-latas"? – indagações minhas!).

QUAL É? QUAL É? NHA POVO BZOT DZEME QUAL É?
CONDÊ, PORQUÊ, MODÊ?... NÔ CRÊ SABÊ QUAL É?
NA TERRA D'INDIO BÊBÊ? CA TEM TÊTÊ!
NÔS NOME É CARNAVAL, NÔ CA TEM NHÊ, NHÊ, NHÊ!

E a estrofe final, reitera as perguntas feitas (em tom de refrão): "Qual é? Qual é? Quando? Por quê? Como? Queremos saber 'qual é?'" (creio que queremos saber sim!). Em e com a "Terra de Índio" não há perda de tempo ou hesitações! O nosso NOME (visão de Constantino – abraçando o GRESMS – é Carnaval – poderosa e definitivamente!) e CONNOSCO não há rodeios ou 'floreados' vazios (ou "Soncentemente" dizendo, sem "nhê, nhê, nhê")!

Airton Ramos

Texto gentilmente cedido pelo Autor Airton Ramos, que publicou o mesmo na sua pagina de Facebook no dia 23 de Janeiro do corrente

Interpretes principais

Constantino Cardoso

Yanick Oliveira

Fábio Ramos

Esther Viviana

Andreia Silva

Risa Sanches

Sax Alto

GENÉTICA PONT CV

Grupo Carnavalesco Monte Sossego

Intro 1. 2.

10 **A**

16 1. 2. **B**

21

26

31 1. 2. **C**

37 1.

42 2. **D**

47 1. 2. **E**

52

57

62 1. 2. **F**

67

Trompete

GENÉTICA PONT CV

Grupo Carnavalesco Monte Sossego

Intro

9 **A**

15 **B**

20 **C**

30 **D**

35 **E**

41 **F**

47 **D.C.**